

Artesanato Sateré-Mawé: potencialidades de inclusão socioeconômica e acesso às políticas públicas nas urbes amazônicas

ANSELMO FILHO, Samuel¹
LIMA, Mayara Viana²
CASTRO, Mirian Araújo Mafra³
SILVA, Sandra Helena⁴

Resumo

Este artigo tem por objetivo fazer uma análise de como se desdobram as relações de cidadania e inclusão socioeconômica por meio do artesanato, pontuando a atividade artesanal como difusor da cultura indígena, além de seu potencial econômico e de acesso as políticas públicas. A metodologia empregada foi de caráter qualitativo, o delineamento deu-se de acordo com o “estudo de caso”, embasado em uma pesquisa de campo, tendo como lócus o empreendimento Arte Poranga Nativa. Em relação aos resultados, compreende-se que a partir de características intrínsecas da atividade artesanal, desenvolvida tradicionalmente pelos Sateré-Mawé, essa atividade impulsiona a valorização cultural, não agride o ambiente na extração da matéria-prima, viabiliza a geração de trabalho e renda, alavanca a atividade econômica e, principalmente, colabora no sentido do desenvolvimento regional e cidadania desses povos indígenas, visando o alcance de políticas públicas que fomentem e incentivem a economia criativa.

Palavras-chaves: Inclusão socioeconômica; Cidadania, Artesanato indígena; Sateré-Mawé; Políticas Públicas.

Introdução

Os indígenas Sateré-Mawé desenvolveram no ambiente citadino diversas estratégias para construir suas relações nesse complexo ambiente. Nessa perspectiva, na cidade de Parintins, estado do Amazonas, a etnia Sateré-Mawé realiza a produção e comercialização do artesanato, expressando uma estratégia de vida na cidade. O artesanato, além de possuir valor cultural, atua como fio condutor para a cidadania e inclusão socioeconômica desses povos por meio das políticas públicas, sendo desta forma um dos pontos que nos levaram a pesquisar tal proposta.

A atenção deste artigo não recai apenas sobre a produção do artesanato Sateré-Mawé, mas abrange sua inserção em uma malha de relações produzidas desde sua produção à comercialização. Dessa forma, este trabalho tem por objetivo analisar os desdobramentos das relações que ladeiam a atividade artesanal, sendo estas responsáveis pelo caminho de cada artesão no que concerne o contexto socioeconômico.

¹ Acadêmico do curso de Serviço Social da Universidade Federal do Amazonas – Bolsista Incubadora AmIC (anselmo.samuel_36@hotmail.com)

² Mestre em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia – PPGCASA – Bolsista Incubadora AmIC (mayaravianadelima@gmail.com)

³ Mestranda em Sociedade e Cultura da Amazônia – PPGSCA – Técnica na Incubadora AmIC (mirianaraujo2233@gmail.com)

⁴ Doutora em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia – PPGCASA – Coordenadora na Incubadora AmIC.(sandrahsf@gmail.com).

Além disso, objetiva-se pensar o artesanato Sateré-Mawé como principal colaborador no sentido do desenvolvimento regional e cidadania desses povos indígenas.

Para o alcance dos objetivos propostos, este trabalho foi estruturado nos seguintes tópicos teóricos: a) Artesãos Sateré-Mawé e as atividades artesanais b) Cidadania, inclusão socioeconômica e políticas públicas c) Valorização cultural e econômica. O trabalho encerra-se com as considerações finais.

Estratégia Metodológica

A pesquisa é de tipo qualitativo possibilitando a compreensão dos fenômenos estudados em seus contextos e não apenas à sua expressividade numérica. O delineamento da pesquisa foi de acordo com o “estudo de caso”, considerando a unidade social estudada como um todo, reunindo o maior número de informações detalhadas, por meio de diferentes técnicas de pesquisa, objetivando apreender a totalidade de uma situação e descrever a complexidade de um caso concreto.

Para a coleta de dados foi utilizado como referência a pesquisa bibliográfica tendo como categorias de análise: Inclusão socioeconômica e cidadania, Artesanato Sateré-Mawé, e Valorização cultural e econômica. Quanto à pesquisa de campo, esta teve como lócus o empreendimento Arte Poranga Nativa, sendo seu responsável o principal informante de dados. O referido empreendimento é assessorado pela Incubadora de Empreendimentos Amazonas Indígena Criativa (AmIC).

A coleta de dados foi realizada pela equipe de trabalho da Incubadora de Empreendimentos Amazonas Indígena Criativa. Além disso, foi utilizada pesquisa documental de arquivos da Incubadora AmIC: relatórios, plano de ação e plano de negócios do empreendimento em estudo, para fins de corroboração com os dados de entrevista e bibliográficos.

Artesãos Sateré-Mawé e as atividades artesanais

O povo Sateré-Mawé habita a região do baixo Amazonas, com maior população nos municípios de Maués, Barreirinha e Parintins. O grupo Sateré-Mawé soma uma população de 8.500 pessoas (TEIXEIRA, 2005) e a maioria dos seus

membros vive na terra indígena Andirá-Marau, situada entre os Estados do Amazonas e Pará, na região do médio rio Amazonas.

São chamados regionalmente “Mawés”, no entanto se autodenominam Sateré-Mawé. O primeiro nome “Sateré” quer dizer lagarta de fogo, o segundo nome “Mawé” quer dizer papagaio inteligente e curioso (LORENZ, 1992). A importância de se denominar Sateré surge da identificação e valorização de um clã mais importante dentre os que compõem essa sociedade.

A origem do artesanato indígena está associada à colonização europeia na América, esta que provocou a dispersão de vários povos indígenas, inclusive os Sateré-Mawé, para novas comunidades e espaços, os distanciando, nesse momento, de seu território original. Como afirma Pinheiro (2012, p. 13):

Os povos indígenas que se estabeleceram em outras localidades, passaram a viver da agricultura de pequena escala, da criação de animais para consumo doméstico e também da produção de artesanato para comércio, compondo os ganhos que garantem o consumo de bens que foram introduzidos no seu meio pela sociedade envolvente e que deixam de ser dispensáveis.

Pinheiro (2012) acrescenta apontando a origem do artesanato como estratégia para adaptação e desenvolvimento das relações dos povos indígenas, tanto no social quanto no econômico. Porém nem sempre o artesanato possuiu valor comercial, sendo em sua gênese produzido para utilidades domésticas, adereços pessoais, ritual e cotidiano, sendo, posteriormente, incorporado enquanto uma atividade de fins comerciais.

Em Parintins a cultura indígena está fortemente ligada à manifestação cultural do Boi-Bumbá, refletida nos rituais, lendas e mitos oriundos do imaginário indígena e caboclo. Dentro dessas manifestações culturais revela-se a riqueza material da cultura Sateré-Mawé, expressa na inserção do artesanato indígena como elemento para o desenvolvimento, principalmente, durante o Festival Folclórico, quando o artesanato expressa-se, notoriamente, presente nas indumentárias e composição de cenários, adereços e alegorias típicas da festa folclórica.

Para o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE, 2004), o artesanato é uma atividade capaz de utilizar todo o conhecimento adquirido ancestralmente pelos “povos tradicionais” para valorizar, resgatar e divulgar a sua

cultura; além de gerar renda e ter um grande potencial de melhoria para a vida desses povos.

Das características intrínsecas do artesanato, podemos ressaltar a identidade cultural como um dos pontos mais fortes, assim como a valorização cultural, presente na atividade, pois através dela, a origem do artesanato é passada de geração em geração, dando sentido ao artesanato e indicando para o artesão o seu lugar no mundo (SEBRAE, 2004).

O segmento econômico do artesanato em Parintins está principalmente associado ao Festival Folclórico dos Bois Bumbás. Com o grande fluxo de turistas durante o mês de Junho, este torna-se um momento propício para que os Sateré-Mawé busquem um lugar, mesmo que disputado, na comercialização de artesanatos na cidade, seja como vendedores finais ou fornecedores para revenda.

Os artesanatos vendidos durante o evento folclórico são, principalmente, feitos a partir de sementes, são acessórios, pulseiras, braceletes. Alguns são produzidos utilizando-se também penas, como brincos e enfeites de cabelos. Dos artesanatos comercializados nesse período, a produção carrega como fator principal a inclusão das cores vermelha e azul, correspondendo, respectivamente, às cores representativas dos bois Garantido e Caprichoso, os protagonistas da festa na cidade.

Fora do período efetivo do Festival de Parintins os artesanatos são produzidos e comercializados em menor escala pelos indígenas que transitam entre as aldeias e a cidade. Atualmente são produzidas peças em pequena quantidade para fins comerciais na Casa de Artesanato Indígena.

A referida casa de Artesanato Indígena “Arte Poranga Nativa” está situada na cidade, ao lado da Casa de Trânsito Indígena (onde residem cerca de 30 indígenas em Parintins), localizada na Rua Silva Campos, centro da cidade (INCUBADORA AMIC, 2016). A Casa de Trânsito foi criada pela igreja católica no ano de 1970 com o intuito de acolher indígenas que chegavam a Parintins e não possuíam moradia para se hospedar.

Há mais de quarenta anos a Casa de Trânsito se mantém como moradia e abriga indígenas em períodos longos e/ou passageiros. Desta forma, esse contexto passou a exigir a necessidade de criar estratégias de geração de emprego e renda para o povo indígena residente na cidade, assim, a comercialização do artesanato tem se consolidado como uma alternativa de subsídio à obtenção de renda para núcleos

familiares que se encontram na Casa de Trânsito. No âmbito da produção dos artesanatos, especificamente, no empreendimento Arte Poranga Nativa são produzidos e comercializados: máscaras, totens e estatuetas, produzidas a partir do molongó (*Ambelania acida* Aubl., madeira macia e leve, muito usada no artesanato indígena Sateré-Mawé). As máscaras são feitas de tiras da madeira com a fisionomia de um indígena, esculpida, desenhada e pintada nas cores, predominantemente, azul, vermelho e preto.

Totens são peças esculpidas com figuras antropomorfas, desenhadas com grafismo indígena e pintados com cores diversas, possui valor utilitário na forma de banco. As estatuetas zoomórficas são desenhadas com traços característicos de cada animal, geralmente não são pintadas, utiliza-se como peça de decoração e/ou utilitário, servindo como cofre.

Os remos são de outra espécie de madeira, não identificada pelos artesãos da Arte Poranga Nativa, podem ser utilitários ou decorativos com desenhos originalmente indígenas. Os outros itens são produzidos em pequena escala, e quando há matéria-prima disponível (INCUBADORA AMIC, 2016).

Esses artesanatos possuem grande valor para os indígenas. Assim, podemos apontar essa atividade como pilar para manutenção de sobrevivência cultural desse povo, sendo a produção do artesanato colaborador no sentido do desenvolvimento regional e cidadania desses povos indígenas (Figura 01).

Figura 01. Representação fotográfica de artesanatos indígenas



Fonte: Incubadora AmIC, 2016.

Cidadania, inclusão socioeconômica e políticas públicas

O artesanato hoje em todo o Brasil é alternativa para subsidiar renda e gerar emprego para diversas famílias. Um diferencial do artesanato é o fato de este não está

submetido a lógica industrial, reverberando, assim, um forte componente cultural. No Brasil, segundo último levantamento do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2016), projeta-se 8,5 milhões de profissionais no país na categoria de artesãos, delineando, assim, um crescente número de pessoas que tem o artesanato como fonte principal de renda.

No Amazonas, segundo dados da Secretaria de Estado de Trabalho (SETRAB, 2010) estima-se que 40 mil pessoas tenham o artesanato como principal fonte de renda. A importância dessa atividade recai sobre a cidade de Parintins, sendo esta uma das principais cidades do Estado do Amazonas, reconhecida nacionalmente por sediar o Festival Folclórico de Parintins.

O empreendimento Arte Poranga Nativa funciona nas dependências da Casa de Trânsito indígena coletiva, sendo assim, não apenas o proprietário, mas diversos indígenas estão inclusos no processo de produção do artesanato. Dentro do processo de produção há um ciclo de conhecimentos que se entrelaçam e são repassados de um indivíduo ao outro, o aprendizado se torna uma questão de se introduzir e integrar-se socialmente com quem compra o artesanato (comercialização) e com quem está inserido na produção.

Da produção do artesanato à comercialização tem-se uma comunicação entre a produção, produto e cliente. Esta relação desencadeia diversas questões sejam sociais econômicas ou cidadãs. No que tange a cidadania, temos como base a participação política que é primordial para o exercício desta. Porém, vale salientar o fato da cidadania perpassar questões de inclusão política, pois para Faleiros (2006, p. 6):

A cidadania tem como pressuposto a participação e a garantia e a efetividade de direitos, isso implica a real prestação de serviços pelo poder público e existência de condições (ou meios) de vida, com desenvolvimento pessoal na diversidade explícita de culturas, gênero, raça, etnia e opções religiosas, sexuais, e de modos de existência.

São caracterizados como direitos de cidadania o direito à igualdade, à liberdade de expressão, direitos políticos, e direitos a uma vida digna e gratificante. A Constituição Federal Brasileira (art. 231 e 232) reconhece o respeito às formas de organização própria dos povos indígenas, além de suas crenças, costumes, usos e tradições, bem como os direitos originários dos povos indígenas sobre suas terras.

Para o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE, 2004), a chave para qualquer transformação social está na educação, pois é por meio

dela que os indivíduos encontram seu lugar na sociedade, adquirem a noção de pertencimento e de cidadania e podem desenvolver suas habilidades e capacidades para o trabalho.

O método de aprendizagem deve ser contínuo e sistemático, e essas características estão presentes dentro do processo de produção do artesanato, pois o conhecimento é repassado entre os indígenas durante a prática da atividade artesanal. Dessa forma, por meio do desenvolvimento do artesanato tem-se deveres sendo executados como a educação e proteção de seus semelhantes, a proteção à natureza; e também tem-se direitos como o respeito à fé e a diferença, sendo, então, executados direitos e deveres que estão inclusos na constituição.

Além do conhecimento outras estratégias são condutoras da cidadania, é o caso de políticas públicas de incentivo ao empreendedorismo, estas, por sua vez, devem possuir um caráter de promoção do artesanato indígena, focados na garantia da cidadania das comunidades, preservando sua cultura e ampliando os canais de promoção e comercialização de seus produtos artesanais (SEBRAE, 2004).

O artesanato além de possuir esse segmento que conduz à cidadania, introduz o indígena no campo da inclusão socioeconômica, esta que se desdobra, principalmente, na comercialização do artesanato. É neste momento que o artesão terá maior contato com os clientes, tendo a comunicação com uma das chaves para a inclusão social e econômica.

Na comercialização, de forma direta, visualiza-se o artesanato como geração de emprego e renda para os indígenas, desta forma, a atividade artesanal abre caminhos para inclusão socioeconômica. Dentro da Arte Poranga Nativa tem-se, ainda que esporadicamente, a contratação de indígenas (alguns casos de não indígenas também) que estão de passagem pela Casa de Trânsito, caracterizando assim a geração de emprego.

Outra forma de geração de renda está na aquisição de matéria-prima nas áreas indígenas, onde estes fazem a coleta de sementes e madeiras para a confecção do artesanato, identificando, assim, uma forma de subsidiar renda para indígenas mesmo fora da cidade. Isto é, existe uma cadeia produtiva do artesanato que viabiliza geração de renda no âmbito dos fluxos de aldeia-cidade, pois a atividade artesanal gera renda tanto para os indígenas produtores (na aldeia e cidade) quanto coletores e vendedores de matéria-prima (principalmente das terras indígenas).

A Arte Poranga Nativa têm no artesanato sua atividade principal e fundamental à sobrevivência dos artesãos envolvidos nas atividades artesanais, diferente do caso daqueles indivíduos que têm no artesanato apenas uma opção de renda complementar ou como terapia ocupacional. Assim, podemos perceber que este empreendimento criativo viabiliza a condução para a cidadania e inclui socioeconomicamente indígenas por meio do artesanato tradicional Sateré-Mawé.

Valorização cultural e econômica

O artesanato Sateré-Mawé possui imensurável valor tanto para os indígenas quanto para os não indígenas, tendo em vista seus valores culturais, econômicos, e características que conduzem à cidadania e a inclusão socioeconômica. Pinheiro (2012) afirma que o artesanato representa a cultura da etnia, sendo composto de significado na forma material e imaterial.

Para Mauro (2016) a importância do artesanato está na expressão e atualização de uma identidade indígena na cidade, no desenvolvimento de novos meios de subsistência e na manutenção das relações com outros agentes e espaços. Essa identidade que deve estar expressa nas peças produzidas pelas mãos do artesão, o reportando a uma cultura distinta e cheia de significados.

Mascêne (2010) afirma que a relevância do artesanato também se dá na medida em que se apresenta como contrapartida à massificação e uniformização de produtos globalizados, promovendo o resgate cultural e o fortalecimento da identidade regional. O artesanato, assim, é uma expressão cultural artística distante de um modelo de produção capitalista, de peças igualitárias e uniformes. Ele carrega a paciência de um artesão incluso no processo de produção manufaturado, construindo uma peça de cada vez, cheia de significados e de valores.

Para o proprietário do empreendimento Arte Poranga Nativa, senhor Doglas Sateré (45 anos, 2016), a missão principal do empreendimento criativo é disseminar e difundir a cultura Sateré-Mawé através da arte indígena. Em contrapartida a esse valor cultural tem-se o valor econômico, sendo estrado de suporte para a empresa e responsável pela vida e manutenção do empreendimento.

Através da comercialização do artesanato temos a difusão da cultura Sateré-Mawé, nesse processo cada cliente passa a possuir uma peça que de alguma forma o reporte à cultura, seja através do design ou da história imbricada no artesanato

produzido e comercializado. Para Mascêne (2010, p.38) o valor cultural está atrelado ao comercial, pois:

Quem compra artesanato está comprando também um pouco de história. Nem que seja sua própria história de viagens e de descobertas. Um produto, por melhor que seja, deve vir acompanhado de algo que o contextualize, que o localize no tempo e no espaço. A informação sobre a pessoa que fez uma determinada peça, a quantidade de horas ou de dias que levou para executar esta tarefa podem ter um alto valor para quem a adquire.

O valor econômico do artesanato está totalmente ligado ao valor cultural, pois o artesanato adquire valor na medida em que possui identidade visual, seja por meio da quantidade de horas trabalhadas, nas ferramentas usadas e até na procedência da matéria-prima usada na produção do artesanato.

Segundo SEBRAE (2004), um dos maiores critérios exigidos pelos compradores de artesanatos é o valor cultural. Desta forma, pode-se destacar a importância de um produto que carregue os traços fiéis a uma etnia seja esta Sateré-Mawé ou outra etnia. Vale salientar que se uma peça possui este critério primordial que é o valor cultural, entende-se que qualquer que seja o valor econômico agregado a este será ínfimo diante do impacto que irá desencadear frente ao mercado consumidor de artesanatos.

Ressalta-se que a comercialização do artesanato Sateré-Mawé através do empreendimento Arte Poranga Nativa, potencializa valores tangíveis e intangíveis e valoriza a identidade da etnia supracitada. Além disso, salienta-se que o valor econômico do artesanato para os indígenas está na geração de emprego e renda, pois este é a principal fonte de recursos financeiros para os indígenas, principalmente aqueles residentes nas cidades.

Considerações finais

Este estudo não se esgota aqui, mas dentro das possibilidades do fôlego que ela conseguir suscitar, as conclusões que temos sobre esse estudo são:

Os artesãos Sateré-Mawé em Parintins se encontram residindo em grande maioria na Casa de Trânsito, sendo localizado em anexo a este recinto o empreendimento Arte Poranga Nativa, assessorado pela Incubadora AmIC, onde há a produção de artesanatos a comando do responsável Douglas Sateré.

Pode-se observar que a questões de cidadania e inclusão socioeconômica se desdobram através das relações de comunicação, desenvolvidas no processo de produção artesanal, além de políticas públicas. Os artesanatos produzidos no Arte Poranga Nativa, são principalmente máscaras, totens, estatuetas, remos, entre outros.

No que diz respeito à inclusão socioeconômica dos indígenas detectamos que o artesanato é fonte de geração de emprego e renda, tanto para indígenas da cidade quanto para aqueles que estão residindo nas terras indígenas. Assim, contribui com uma grande parcela na renda daqueles que estão dentro do processo de produção e comercialização do artesanato.

No âmbito da discussão dos valores, observa-se que o artesanato possui tanto valor econômico quanto cultural, e que ambos estão interligados, sendo um dependente do outro, pois o valor cultural agrega valor econômico ao artesanato, um diferencial aos olhos dos compradores e aos olhos dos indígenas em relação a valorização cultural.

Conclui-se assim que o artesanato enfrenta diversos impasses, desde o processo de aquisição de matéria-prima à produção. Porém, este possui capacidade para manifestar e despertar o desejo de difundir a cultura Sateré-Mawé, é capaz de gerar renda de forma mais justa, valorizando a cultura local, facilitando o acesso bens e serviços sociais, fazendo do artesão um cidadão, e potencializando desenvolvimento regional.

Referências Bibliográficas

FALEIROS, Vicente de Paula. *Inclusão social e cidadania. International Conference on Social Welfare*, 2006.

INCUBADORA AMIC. *Amazonas Indígena Criativa. Projeto de criação*. Universidade Federal do Amazonas. Parintins, Amazonas, 2016.

LORENZ, Sônia da Silva. *Sateré-Mawé: os filhos do guaraná*. São Paulo: Centro de Trabalho Indigenista, 1992.

MASCÊNE, Durcelice Cândida. **Termo de Referência: atuação do Sistema SEBRAE no artesanato** / Durcelice Cândida Mascêne, Mauricio Tedeschi. Brasília: SEBRAE, 2010. 64 p.: il.

MAURO, Ana Luisa Sertã Almada. *Seguindo sementes: circuitos e trajetos do artesanato sateré-mawé entre a cidade e aldeia*. Dissertação (Mestrado) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2016. 212 f.

PINHEIRO, Aureliano Marques. *Cultura material: a produção de artesanato na terra indígena Beija-flor*. Dissertação (Mestrado em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus: UFAM, 2012. 99fls.: il.

TEIXEIRA, Pery. *Sateré-Mawé: retrato de um povo indígena*. Manaus: UNICEF/UNFPA, 2005.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Diagnóstico sociodemográfico participativo dos sateré-mawé*. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/pesquisa/pesquisa_google.shtm?cx=009791019813784313549%3Aonz63jzsr68&cof=FORID%3A9&ie=ISO-88591&q=ind%EDgenas+parintins&sa=Pesquisar&siteurl=www.ibge.gov.br%2F&ref=&ss=5573j4794639j20> Acesso em: 08 julho 2016.

SEBRAE. *Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas* (2004). Disponível em: <www.sebrae.com.br> Acesso em: 08 julho 2016.

SETRAB. *Secretaria de Estado de Trabalho do Amazonas* (2010). Disponível em: <<http://www.setrab.am.gov.br/>> Acesso em: 08 julho 2016.